

# APRESENTAÇÃO

O Brasil e Portugal distanciam-se irremediavelmente um do outro e só se unem na hora do rito bárbaro da reforma ortográfica.

ANTONIO CALLADO

Reúne-se aqui um pequeno número de textos oriundos de diferentes eventos de Extensão Universitária promovidos, nos últimos anos, pelo Subsetor de Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFGRS, ou de eventos de que o Subsetor participou.

O espírito da presente iniciativa corresponde ao sentido que esse Subsetor vem tentando imprimir a suas atividades acadêmicas. Com efeito, no Brasil e hoje, promover o conhecimento e a valorização da cultura e da literatura portuguesas (assim como o das culturas e literaturas luso-africanas, ou, ainda, o de assuntos relativos aos núcleos de língua portuguesa que, sem base nacional, espalham-se pelo mundo) tem uma razão específica e estranha a quaisquer posturas neocolonialistas: trata-se da necessidade de se promover a integração do mundo lusofônico, o que não se fará sem a formação de uma "consciência da lusofonia".

E a lusofonia é o tema de dois artigos centrais nesta coletânea: o meu próprio, que discute vários aspectos da questão, propondo a integração e propugnando pela formação da referida consciência, e o da eminente lingüista portuguesa Maria Helena Mira Mateus, que centra essa mesma discussão na questão da língua — central também no meu artigo —, tratando da unidade na variação; a qual, sendo antes de tudo um fato a constatar, é também a fórmula válida da integração a ser buscada. Trata-se aí, portanto, de uma política da língua, cuja necessidade o artigo anteriormente citado também postula.

Outros dois artigos abordam, igualmente, a questão lingüística, a que não se resume à da lusofonia, mas que é obviamente, em relação a ela, central e básica. O de Bethania Mariani e Tânia de Souza detém-se num ponto já levantado em "A questão da lusofonia", que abre a coletânea: o da "língua brasileira", trazido à baila, como se sabe, na fase de afirmação nacional correspondente à independência política e ao romantismo literário brasileiros e retomada quando da "revolução" modernista dos Anos 20. De certa forma, esse artigo dialoga "dialeticamente" com posições enunciadas em "A questão da lusofonia" e, mesmo, com o espírito da proposta mencionada aqui no início. O fato de ainda se poder discutir a questão da "língua brasileira" — que, à luz dos estudos lingüísticos, especialmente, da

